



**Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, aos Diários Associados**

**Palácio do Planalto, 24 de abril de 2008**

**Jornalista:** Presidente, deixe-me começar aqui. A sua popularidade e o seu apoio político na população mais pobre, que é o alicerce principal do seu mandato, se deve, não digo apenas, mas muito, em grande parte, à comida barata. Durante quatro anos o senhor atravessou todas as crises políticas, o senhor se reelegeu, porque havia esse apoio da população mais pobre em relação ao senhor, porque aquele compromisso que o senhor assumiu, de três refeições por dia, foi cumprido e foi cumprido com comida barata. Nós estamos vendo aí um processo inflacionário importante no preço da comida. O que eu quero perguntar para o senhor é seguinte: quais são as medidas de curto e de longo prazo que o senhor vai adotar para evitar que o preço da comida encareça a ponto de corroer esse apoio político que o senhor tem entre a população mais pobre?

**Presidente:** Primeiro, eu acho que é uma injustiça achar que o reconhecimento da população mais pobre, ao governo, se deve só à questão da comida. A comida é um fator preponderante. Agora, é importante ter noção do que foi feito neste país, para os setores excluídos da sociedade brasileira, que você vai do Bolsa Família ao programa Luz para Todos, que você vai do Pronaf ao crédito consignado, que você vai do ProJovem às escolas técnicas, ao ProUni, ao Reuni, à construção de 214 escolas técnicas que estão em andamento – 50 já foram inauguradas – que permitem que você tenha uma densidade de política social, como poucas vezes, ou nenhuma vez, o Brasil teve. E nós achamos que isso é apenas o começo do processo de uma política que tem que se consolidar. A relação do governo com a sociedade e a relação do governo com



o movimento social, é uma coisa muito forte que eu prezo e que eu quero que isso se consolide de forma institucional, para que seja uma prática, independentemente de quem seja o governo no Brasil, esse é um dado concreto: o crescimento da economia, a geração de empregos, o aumento de salários.

Eu fui um dirigente sindical razoavelmente importante no Brasil, fiz as greves mais importantes e era muito difícil conseguir 1% de aumento real de salário. Hoje, 90% dos sindicatos estão fazendo acordos e ganhando aumento de salários. Então, a massa salarial cresce, o emprego cresce. Tem um conjunto de fatores que permitem que a sociedade viva um pouco melhor e um deles é exatamente a comida.

Nós estamos vivendo um momento *sui generis* no mundo. Nós tivemos um conjunto de milhões de seres humanos que começaram a comer nos últimos dez anos. São chineses, são indianos, são brasileiros, são latinoamericanos, são outros povos dos países asiáticos, e a agricultura não cresceu proporcionalmente à demanda por alimento, que é exigida por esse segmento da sociedade, que antes não comia e que agora está comendo.

Por isso que eu disse, no outro dia, que é um bom desafio. Porque nós temos mais gente comprando, significa que nós precisamos produzir mais. Temos terra para produzir mais, temos tecnologia para produzir mais, temos solo para produzir mais e temos água para produzir mais. Então, eu acho que é um desafio que os governos do mundo inteiro e, sobretudo, o Brasil vai ter que resolver.

Na semana passada eu dizia para o ministro Guido Mantega, que não é possível mais discutir agora inflação, sem colocar na mesa um ministro da Agricultura e o ministro do MDA, porque tem que ter um jogo combinado. Por que o feijão subiu tanto? O feijão subiu tanto porque nós tivemos duas secas na região que planta feijão, o Paraná diminuiu a plantação em 29% e isso causou um efeito. Nós produzimos menos do que aquilo que nós consumimos



e toda vez que a oferta é menor do que a procura: aumenta o preço. Toda vez que a oferta é maior do que a procura: diminui o preço. Então, o que nós precisamos é produzir mais alimentos para que a gente mantenha o alimento estável.

Nós não queremos também, repetir o começo do Plano Real. Nos primeiros anos em que a âncora verde, com os preços da agricultura muito abaixo daquilo que era o necessário para ter uma política de preço justo, nós não queremos voltar a isso. Nós queremos ter uma política de preço justo para o produtor, mas ao mesmo tempo, garantir uma política de preço justo para a maioria, que são os consumidores que vão ao supermercado comprar comida. Esse é o desafio que nós temos. Eu tenho discutido isso com o Reinhold Stephanes, com o Guilherme Cassel e com o Guido Mantega. Na próxima semana nós vamos ter uma reunião para fazer uma avaliação dos setores que estão com mais gargalo, por exemplo, o trigo. Nós vamos ter políticas especiais para o trigo. A questão do arroz, que não era um problema e que o Brasil tem estoque e tinha o compromisso de exportar para a África – vários países agora, nessa viagem, Gana, Burkina Fasso – que querem comprar arroz e que a gente ia vender. Como nós temos 1 milhão e 100 mil toneladas de reservas, nós resolvemos não vender, para garantir uma espécie de mercado regulador aqui no Brasil.

Então, esse é um problema que nós resolveremos, eu diria, em um curto prazo. Por quê? Porque o feijão, entre você plantar e colher, você leva no máximo quatro meses. Então, significa que no curto prazo, você pode resolver alguns gargalos. A questão do leite, o Brasil, até outro dia era importador de leite, agora o Brasil virou exportador e o leite aumentou no mundo inteiro, por quê? Porque tem mais gente bebendo leite, tem mais gente utilizando o leite. Então, nós precisamos aumentar a nossa produção.

Esse é um desafio que não me preocupa. Esse é um desafio que me alenta a provocar os produtores brasileiros a produzirem muito mais. Nós



estamos montando sedes da Embrapa na África, porque eu desconfio que a savana africana tem as mesmas características do cerrado brasileiro e com um pouco de manejo da terra e um pouco de tecnologia, a gente pode tornar o continente africano altamente produtivo. Nós estamos montando uma sede da Embrapa em Caracas, para ter uma política para a América Latina aprender a produzir a agricultura tropical, onde o Brasil é mestre. Então, eu estou tranquilo com isso, eu acho que é uma coisa temporária e nós queremos que mais gente coma mais e coma melhor, para a gente produzir mais e vender melhor.

**Jornalista:** Nessa questão da alimentação, entra um componente que está sendo muito falado que é o biocombustível, que também é uma questão estratégica para o País. Como o governo vai administrar dois pontos que parecem ser conflituosos, colocar o alimento três vezes na mesa da pessoa, manter o alimento a preço baixo e a questão do biocombustível? E que também tem outra contradição, com a lógica do governo, que precisa ser evitada para o governo manter essa lógica, que é a tendência à concentração de renda, principalmente no Nordeste. A produção de biocombustível tende à monocultura, uma experiência que o Nordeste já teve com a cana-de-açúcar que lhe gerou concentração de renda. Que mecanismos o governo pensa para evitar essas coisas, para manter o alimento em um preço razoável para evitar concentração de renda?

**Presidente:** Primeiro, eu diria que é inconcebível, nesse momento, alguém dizer que a questão dos biocombustíveis tem alguma coisa a ver com o preço dos alimentos, até porque o mundo não produz biocombustível e tem 854 milhões de pessoas que vão dormir sem comer todos os dias. O que existe na verdade é que, antes até se dizia um absurdo, se dizia que o mundo produzia alimentos para 12 bilhões de pessoas e que as pessoas não tinham acesso porque não tinham alimento. Não era verdade. A verdade, é que cada país



cuida de produzir o alimento para manutenção da sua segurança alimentar, na medida em que cresce o número de gente comendo, a agricultura não estava preparada para produzir e atender essa demanda. Não é por causa do biocombustível. Os que criticam o biocombustível nunca criticaram o preço do petróleo. Nunca fizeram um estudo para saber quanto é a incidência do aumento do petróleo no frete do alimento ou na produção de insumos para a agricultura, como fertilizantes, por exemplo, que depende muito do petróleo. Essas pessoas nunca discutiram isso e o mundo desenvolvido importa petróleo sem nenhuma tarifa e coloca uma tarifa absurda para importar o etanol do Brasil. No fundo, o Brasil está sendo vítima de uma política, na medida em que virou artista principal do jogo. Não somos mais coadjuvantes. Somos o maior exportador de café, de suco de laranja, de soja, de carne. Então, o Brasil está ocupando espaços que antes não ocupava e aí começam os adversários dizendo que o boi zebu não é gado e, portanto, a carne não é boa, dizendo que nós temos trabalho escravo no Brasil. Nós produzimos apenas 1% do território nacional de cana-de-açúcar. O que precisamos, e na política do biodiesel está correto, é o chamado... nós criamos uma vertente chamada “selo social”. É que o produtor que contratar a produção do biodiesel da agricultura familiar tem isenção de impostos, exatamente para a gente não repetir o erro da cana. Esta semana, já que estamos falando para um jornalista pernambucano, o Eduardo Campos me ligou, estava conversando com o Davi Feffer sobre a implantação de uma empresa de celulose no Nordeste brasileiro, lá em Pernambuco, e a gente dizia para ele: é importante conversar com o Davi Feffer para que não seja uma produção contínua de eucalipto de 300, 400 mil hectares para repetir o erro da cana, mas que a gente contrate a produção de eucalipto de pequenas propriedades. Uma parte dá uma renda fixa e na outra parte as pessoas continuam produzindo alimento. O biocombustível prevê isso: a contratação da agricultura familiar para que a gente possa garantir ao agricultor familiar uma renda fixa, além da renda que ele terá pela produção agrícola que ele



habitualmente fazia. Então, nós estamos reparando isso com muito cuidado.

Eu quero apenas salientar o seguinte: isso é um debate e esse debate entre biocombustíveis e comida é um debate que eu gosto de fazer, acho que o Brasil precisa se preparar. Ontem, na Embrapa, eu convoquei a chamada inteligência brasileira para que a gente faça um debate mundial, porque nós estamos negociando na Rodada de Doha e nós temos dito claramente: se nós quisermos ter sucesso, é preciso que os países ricos flexibilizem os preços agrícolas para que os produtos dos países mais pobres entrem no mercado rico, senão não há estímulo para as pessoas plantarem. E quando nós levamos tecnologia para a África e levamos tecnologia para a América Latina, nós estamos querendo dizer o quê? Nós estamos nos preparando para atender o crescimento da demanda dos pobres que começaram a comer. Nós temos a saída para isso. Durante meio século, se inventou a história de que o mundo estava pesquisando o carro a hidrogênio, não conseguiram separar a molécula e nós então, inventamos um combustível, que é um sucesso extraordinário no Brasil que é o *flex-fuel*. Você pode utilizar 100% a álcool, 100% a gasolina, então, nós estamos oferecendo isso ao mundo. É um combustível menos poluente, seqüestrador de carbono e não emissor de CO<sup>2</sup>, é tudo que o mundo está reivindicando com o Protocolo de Quioto. Então, parem de hipocrisia e comecem a comprar os combustíveis que estamos vendendo, ou façam parceria com terceiros países.

Os Estados Unidos, ao invés de fazerem álcool do milho, deveriam estar contratando álcool dos países da América Central para poder gerar emprego naqueles países, no Caribe. A Europa poderia fazer convênio, como nós fizemos em Gana. Nós assinamos o primeiro contrato de longo prazo de uma empresa brasileira com a Suécia. Nós vamos produzir 150 milhões de álcool em Gana para vender para a Suécia, é o primeiro contrato de longo prazo, de 10 anos, feito na África. É isso que eu quero, que a Alemanha compre biodiesel de um país africano, que a Inglaterra compre de outro, que a França compre de



outro. Nós vamos gerar empregos, vamos gerar renda, vamos gerar poder de consumo e aí os países ricos terão até o privilégio de vender os seus produtos manufaturados aos países africanos, coisa que hoje não têm. Então, essa briga não existe e eu quero te dizer uma coisa de coração: se um dia eu chegar à conclusão que eu tenho que encher o tanque de um carro e meu “tanque” vai ficar vazio, eu vou encher o meu tanque primeiro para poder encher o tanque do carro. Acho que o ser humano é esperto para isso.

O que nós não podemos é aceitar a discussão que os países ricos querem nos impor. Se o mundo precisa de alimento, eu nasci e desde pequeno eu ouvia dizer que o Brasil será o celeiro do mundo. Pois bem, a oportunidade se apresenta agora. A Europa não tem mais condições de aumentar a produção agrícola, são poucos os países que têm terra para aumentar. Quem é que tem? O Brasil, a África e a América Latina.

**Jornalista:** Presidente, eu tenho uma dúvida. A última dúvida sobre essa questão é a seguinte: o senhor tem dito que o biocombustível e a cana não pressionam a produção de alimento porque o Brasil tem muita terra, especialmente pastos degradados, em grande quantidade, que poderiam ser utilizados. O senhor está dizendo que tem muita terra que hoje é improdutivo. Por outro lado, os movimentos pela reforma agrária, os movimentos sociais, dizem que a distribuição de terra no seu governo é muito lenta. Essa é a posição não apenas do MST, o próprio Incra, periodicamente vem a público para se lamentar, por um motivo ou por outro, pelo fato da reforma agrária não ir mais rápido. A minha pergunta para o senhor é a seguinte: se está sobrando terra para plantar cana, por que está faltando terra para a reforma agrária?

**Presidente:** Não falta terra para a reforma agrária. Se você pegar os dados do Incra, você vai perceber o quê? No governo passado, em oito anos, eles distribuíram 22 milhões de hectares de terra. Nós, em cinco anos, distribuimos



35 milhões de hectares de terra. Não falta terra. Qual é a divergência que tenho com o Movimento dos Sem-Terra? É que acho que o problema não é assentar mais gente, o problema é fazer as pessoas que já estão na terra se tornarem mais produtivas. É levar tecnologia para elas, levar formação técnica, para que elas se tornem produtivas. O que não pode é ficar colocando gente em um canto, e eles continuarem tão miseráveis quanto estavam ontem. O problema não é de terra. O problema, e o Incra sabe disso, o MDA sabe disso, é que nós precisamos aperfeiçoar o aumento da produtividade, a assistência técnica, o equilíbrio dos preços para quem já tem terra, desse drama eu não sofro. É muita terra que nós assentamos.

O Brasil tem uma situação privilegiada, muito privilegiada. Quando eu digo que nós temos 60 milhões de hectares de pastos degradados, é porque são terras que podem ser recuperadas para você produzir o que você quiser. Você pode produzir celulose, você pode produzir biodiesel, você pode produzir álcool, você pode produzir soja, você pode produzir o que você quiser. O dado concreto é que nós estamos vivendo um bom desafio e o Brasil não pode ter medo do bom desafio. O ruim seria se o mundo estivesse precisando de alimento e o Brasil não tivesse terra, não tivesse tecnologia, não tivesse conhecimento. Nós temos tudo isso. Portanto, o que nós precisamos é aproveitar.

Vocês viram que, ontem, eu lancei o PAC da Embrapa, e esse PAC era para ter sido lançado desde o ano passado. É mais de um bilhão de reais para contratar mais técnicos, fazer mais laboratórios para Embrapa. Nós, agora, vamos unificar a Embrapa, que nós inauguramos em Campinas, com todos os centros de pesquisas agrícolas estaduais, para que a gente tenha informação em tempo real e possa produzir mais. Então, é um desafio que eu acho promissor para o Brasil: o mundo precisa de alimentos e o Brasil tem tecnologia, terra e fotossíntese para produzir esses alimentos.



**Jornalista:** Presidente, essa escalada no preço dos alimentos deu razão ao Banco Central de ter aumentado em 0,5 ponto percentual os juros?

**Presidente:** Olha, não me peça para discutir sobre o Banco Central.

**Jornalista:** Mas dizem até que o senhor está montando um grupo aí para discutir ...(inaudível)?

**Presidente:** Não. Eu não monto grupo. Eu tenho por hábito (inaudível) desde o tempo do movimento sindical, eu tenho por hábito ouvir muita gente. Por isso que a minha orelha é meio caída assim, é porque eu ouço muita gente. Eu ouço economistas de direita, ouço economistas progressistas, economistas conservadores, porque eu sempre quero trabalhar com a possibilidade de encontrar um denominador comum nas decisões políticas que o governo toma. Então, eu tenho o hábito de conversar com muita gente. Podem ter certeza que eu conversei com muitos economistas a cada 30 dias, a cada 40 dias. Não por causa do aumento de juros do Banco Central, isso desde que eu tomei posse na Presidência da República.

Eu acho que o Banco Central, na medida em que a gente estabelece a meta de inflação e dá ao Banco Central a responsabilidade de manter a inflação controlada, o Banco Central só tem como instrumento esse: aumentar os juros. Você pode discordar com a visão que o Banco Central está tendo de que a inflação daqui a um ano vai estar de 6% ou 7%, ou você pode concordar. Eu acho que o Banco Central fez aquilo que os técnicos do Banco Central entendiam que deveriam fazer. Na lógica deles e na tese deles de que a inflação tem um viés de alta e que nós precisamos então controlar. Então cabe a nós, governo, em vez de ficar choramingando pelo que fez o Banco Central, a gente tomar atitudes para evitar que os preços da comida subam. Eu não acho que o preço da soja tenha alguma implicação, porque o preço da soja é



*commodity*, não depende de nós. Aquilo que são os preços que dependem do governo, as coisas estão mais ou menos controladas. Então, eu acho que não há necessidade de a gente ter medo da inflação. Eu acho que a inflação tem que ser controlada porque durante 27 anos da minha vida vivi de salário, como trabalhador e sei que a inflação é uma desgraça na vida de um operário que recebe salário.

Então, eu quero controlar a inflação. E acho que todos nós, brasileiros, precisamos saber que não é tarefa apenas do Banco Central. Se deixar só para o Banco Central, ele só tem como decisão aumentar a taxa de juros. Então, nós precisamos fazer... aumentar a produção das coisas que estão faltando.

Nós temos um problema, no Brasil, que é importante dizer para vocês, aqui. Um problema que eu acho que é um bom problema para o Brasil. De vez em quando, eu digo que uma economia saudável é aquela economia em que você tem um crescimento da demanda e um crescimento da oferta andando mais ou menos juntos. Se a oferta cresce mais, então você expande suas exportações se você tiver quem queira comprar.

Na medida em que a demanda cresce um pouco mais e a oferta não cresce, temos um problema de aumento de preço. Não está acontecendo isso no Brasil, neste momento. Não está acontecendo isso porque tem muitos investimentos. Esses investimentos, em um primeiro momento, eles são consumo, porque você tem que comprar as coisas para construir uma fábrica, mas em um segundo momento, eles se tornam oferta.

E é com essa idéia que nós trabalhamos para 2009. Os investimentos já estão feitos, já estão consagrados, já estão contratados, já estão emprestados, já estão acontecendo. Nós passamos 26 anos sem fazer uma fábrica de cimento no Brasil. De repente, fomos obrigados a fazer 10 fábricas de cimento. Por quê? Porque a construção civil foi destravada. Hoje, o IBGE está dizendo: o setor que mais cresce, na geração de empregos é a construção civil, cresceu 4,3% nesse primeiro quadrimestre. O que é uma coisa extraordinária. E nós



não queremos truncar o crescimento.

Aí a minha preocupação com o aumento dos juros. Veja, os juros aumentaram na semana passada. Dia 12, nós vamos lançar a política industrial. A política industrial tem uma forte parcela de desoneração e uma forte parcela de incentivo à exportação.

Então, na verdade, eu penso que nós estamos conseguindo manter um equilíbrio para permitir que o Brasil não diminua o seu crescimento. Agora, vamos ver a visão do Banco Central.

**Jornalista:** Presidente, nesses desafios que o senhor coloca, só mudando um pouco de assunto, se me permitem os colegas, aqui, nesse desafio da questão técnica de alimentação, enfim, de todos os investimentos. E aí nós temos aí imensos desafios políticos no Brasil, e eu não estou nem discutindo a capacidade técnica, mas eu estou discutindo, mais ou menos, a liderança que o senhor tem e a possibilidade e a necessidade de uma grande liderança no País para, enfim, levar adiante todos os projetos, todos os desafios que nós temos. O senhor acha que a Dilma tem essa capacidade de liderança política para enfrentar todos esses desafios, que o senhor enfrentou muito bem?

**Presidente:** É sempre a Dilma. Por que vocês perguntam da Dilma e não do Franklin?

**Jornalista:** Porque a Dilma está afiliada ao PT.

**Jornalista:** Porque ela é que está fazendo comício.

**Presidente:** Mas deixa eu contar uma coisa para vocês. Eu tenho tido todo o cuidado, e tenho consciência de que não é o momento do presidente da República estar em campanha. Eu tenho dois anos e oito meses de mandato,



tem muita coisa para fazer neste país e eu não posso perder tempo fazendo campanha. Tomei uma decisão de que nas eleições municipais onde tiver a base com mais de um candidato, não pensem que eu vou lá, porque eu não vou lá. Ou seja, eu vou ficar isento desse processo eleitoral.

Agora, também não pensem... Outro dia, não sei quem foi que achou absurdo eu dizer que queria fazer meu sucessor. Houve alguém que ficou estarecido: “Como é que esse cara quer fazer o sucessor?” Ele deveria ficar estarecido se eu não quisesse fazer. Então, eu penso em fazer o sucessor à Presidência da República, trabalho para isso.

Agora, eu tenho uma base muito heterogênea. Eu tenho o PSB, o PCdoB, o PDT, PP, PR, PMDB, PTB, PT e outros partidos menores. Com quem um presidente da República precisa contar, neste momento? Com a hipótese de que a gente consiga fazer uma chapa única da base aliada.

**Jornalista:** O senhor começou com o PSB por algum motivo especial?

**Presidente:** Não, eu vou dizer porque: nós temos candidato a presidente e a vice, nós temos 27 governadores de estado, nós temos 54 senadores. Portanto, nós temos cargos para contemplar toda essa base heterogênea que nós temos.

Eu começo com o PSB, porque o PSB é um partido aliado nosso desde o começo. É um aliado histórico, de 1989, e tem candidato a Presidente, que é o Ciro Gomes, e que é um candidato forte, porque já foi candidato duas vezes, é uma pessoa conhecida, é só ver nas pesquisas de opinião pública. Mas também é bem possível que outros partidos queiram lançar candidatos. E vocês jamais irão me ver reclamar de um partido querer lançar candidato.

Se o PCdoB quiser ter candidato, se o PDT quiser ter candidato, eu acho normal, porque é o momento de fortalecimento do partido, é o momento de o partido colocar a cara na televisão, de dizer o que quer, qual é o seu programa,



qual é a sua proposta. Então, vocês não me verão nervoso porque os partidos da base terão candidato próprio.

Obviamente, se não for possível construir uma candidatura única da base, pode ficar certo de que o governo terá candidato.

**Jornalista:** Mas por que a Dilma, então?

**Presidente:** Eu não estou dizendo que é a Dilma, você é quem está dizendo que é a Dilma.

**Jornalista:** Mas ela tem capacidade para continuar esse projeto, Presidente?

**Presidente:** Deixa eu falar uma coisa para você: é muito difícil a gente tentar lançar alguém candidato sem que você tenha uma discussão sequer com o partido ou sequer com os aliados. Se você perguntar das qualidades da Dilma, vou dizer para você uma coisa: existem raríssimas pessoas no Brasil com a capacidade gerencial da companheira Dilma Rousseff. Raríssimas. Não sei se em algum momento houve.

A Dilma é de uma capacidade de gerenciamento impecável. E, sobretudo, é aquilo que a gente gosta, “Caxias”. É uma pessoa a quem você dá um compromisso, ela cobra 24 horas por dia, ela não dorme. Se você quiser um trabalho, ela vara a noite trabalhando para te entregar o produto. Então, eu acho uma figura extraordinária. Agora, entre ser uma figura extraordinária para gerenciar e ser candidata a presidente é uma outra conversa, porque aí tem um ingrediente chamado política, que exige outras credenciais. Eu não estou discutindo isso agora, até porque essa é uma discussão que os partidos terão que fazer. No momento certo, eu provocarei a discussão.

**Jornalista:** Quando é o que o senhor acha que vai ser esse momento certo?



**Presidente:** Eu penso que depois das eleições de 2008. Terminada a eleição para as prefeituras, acho que a partir do ano que vem todo mundo tem que saber claramente que nós vamos começar a campanha de 2010, sem que o Presidente participe diretamente, porque eu tenho muita coisa para fazer, mas os partidos precisarão começar a sair a campo, porque senão fica uma situação desigual. O PSDB tem dois candidatos já postos, o Serra e o Aécio. Não se sabe se o Alckmin quer ser ou não. Ele não pode ficar nadando na praia sozinho. É preciso colocar mais gente nessa praia, e acho que os partidos vão colocar. Deus queira que a gente tenha a sabedoria de fazer um enfrentamento da base do governo com a nossa oposição na campanha presidencial.

**Jornalista:** Pois é, já que estamos em 2008 aí, o senhor falando das candidaturas do PSDB, o senhor é a favor da aliança do PT com o PSDB em Belo Horizonte?

**Presidente:** Eú vou dizer para você o que eu disse lá em Belo Horizonte. Eu acho que cada partido, na sua cidade e no seu estado, tem que determinar a política que ele entende que seja mais conveniente. O que estou entendendo? Que é conveniente para o Aécio fazer a aliança com o Pimentel e é conveniente para o Pimentel fazer a aliança com o Aécio. Como o Aécio parece...

**Jornalista:** Por que o senhor acha que é conveniente para o Aécio?

**Presidente:** Como o Aécio tem o controle do PSDB e o Pimentel demonstrou ter o controle do PT, os dois fizeram aliança. Eu acho normal, vai disputar a prefeitura. A gente não pode também ficar querendo que Roraima ou que



Pernambuco se envolvam num acordo que Minas Gerais fez.

**Jornalista:** Mas os ministros Patrus Ananias e Luiz Dulci não ficaram muito felizes com a aliança?

**Presidente:** Veja, não ficarem muito felizes nessa aliança, é normal. As coisas aconteceram, houve dezenas de reuniões, eles não participaram e a gente paga o preço.

**Jornalista:** (inaudível) tomou a frente do processo.

**Presidente:** O Pimentel está há muito tempo na prefeitura, ele foi secretário do Patrus, foi secretário do Célio, foi vice-prefeito, é prefeito duas vezes. Ele só pode ter o controle do partido lá. Afinal de contas, é muito tempo e também é muito competente. Se tem uma coisa que não falta ao Pimentel é competência.

**Jornalista:** Mas o senhor não acha... O senhor falou que isso é uma questão regional e os partidos resolvem nas suas regiões. Mas essa aliança não tem um significado maior? Ela não tem uma simbologia nacional, ela não sinaliza para alguma coisa?

**Presidente:** Eu não vejo assim. Obviamente que quem fez pode pensar que tem. Acho que a aliança de Minas Gerais, de Belo Horizonte, é uma aliança que se dá em Belo Horizonte, ela não vai se dar em Contagem.

**Jornalista:** Ela não pode atrair o PSB em nível nacional, Presidente?

**Presidente:** Não acredito. Ela se deu em Belo Horizonte, mas não se deu em Contagem, não se deu em Ipatinga, não se deu em João Monlevade, não se



deu em Coronel Fabriciano, não se deu em Teófilo Otoni, não se deu em Governador Valadares. Ou seja, é uma coisa muito localizada.

**Jornalista:** Agora, a idéia sobre essa aliança, uma das idéias sobre essa aliança que as pessoas dizem é a seguinte: é que o PT está fortalecendo o Aécio porque acha que ele não será o candidato à Presidência pelo PSDB. E se o Aécio for o candidato do PSDB, como é que fica, Presidente?

**Presidente:** Primeiro, não cabe ao PT fortalecer o Aécio. Quem tem que fortalecer o Aécio, em primeiro lugar, é o próprio Aécio e, em segundo lugar, o PSDB.

**Jornalista:** Mas essa aliança fortalece o Aécio e o Pimentel, como o senhor disse?

**Presidente:** Não sei. Acho que essa aliança não pode ter vinculação com 2010. Todo mundo sabe que o Aécio é um político hábil, inteligente. O Aécio e o Pimentel não gostam de briga, os dois preferem viver essa relação muito harmônica. Isso é um problema de Minas Gerais. O jogo vai começar para 2010 a partir de agora. Obviamente que o Aécio antes de qualquer coisa tem que enfrentar os obstáculos internos, o Serra tem que enfrentar os obstáculos internos. Depois é que eles vão sair na disputa pública para ver quem é quem. Acho que nós precisamos nos preparar. Quem quer que seja o candidato, o governo vai ter candidato.

**Jornalista:** Presidente, o governador Aécio seria um bom nome da coalizão se ele mudar para o PMDB?

**Presidente:** É muito difícil para o Presidente da República discutir em tese. É



preciso primeiro saber se o PMDB quer. Segundo, precisa saber qual é o tempo em que ele faria isso, porque isso também aos olhos do povo não é uma coisa simples. Eu estou torcendo pelo “Garantido” e daqui a pouco... Como é que é o outro lá?

**Jornalista:** Caprichoso

**Presidente:** E daqui a pouco o povo me vê lá no “Caprichoso”. Não é assim, não é uma coisa simples. Obviamente que o Aécio é governador de Minas Gerais, e o governador do estado de Minas Gerais tem condições de pleitear ser candidato a presidente da República, como tem o governador de São Paulo, como tem o governador do Rio de Janeiro e como tem o governador do Paraná. Agora, o que eu digo é o seguinte: primeiro tem o confronto interno, que não é uma coisa fácil. E certamente o Aécio não vai correr do jogo antes de o jogo ser jogado. Ele não vai correr antes de disputar internamente, ele vai ter que disputar. Se ele perde e depois tenta sair, aí realmente é um tiro pela culatra.

**Jornalista:** Presidente, se o senhor pudesse escolher o adversário, quem o senhor escalaria no PSDB para enfrentar?

**Presidente:** Não, eu não escolho adversário. Eu já tive oportunidade de disputar uma eleição com o Serra, fizemos uma eleição em alto nível. E eu acho que se for o Serra, se for o Aécio, são dois candidatos que vão enaltecer a disputa política no Brasil, eu não tenho dúvida nenhuma.

**Jornalista:** Presidente, o senhor falou rapidamente de Roraima. Eu tenho uma curiosidade específica sobre Roraima e eu agradeço a oportunidade de estar (inaudível) para lhe perguntar: O senhor sempre diz que tem uma característica



que é conhecer o Brasil, e não é de ouvir falar, porque o senhor já esteve nos quatro cantos do Brasil. Inclusive a sua carreira política, depois da eleição de 89, foi marcada ali pela caravana da cidadania, onde o senhor estabeleceu uma espécie de paradigma: ir aos lugares para conhecer. A minha pergunta para o senhor é a seguinte: Por que o senhor não foi até hoje, ao longo desses cinco anos e pouco de mandato, até Roraima, para conhecer diretamente e conversar diretamente com aquela população sobre aquele conflito que existe naquele estado?

**Presidente:** Primeiro, eu já fui muitas vezes a Roraima. Eu não fui como presidente a Roraima, porque tem um conflito estabelecido na cidade. O ex-governador, um grupo de políticos trataram de fazer contra o governo federal uma guerra, quando, na verdade, o que nós estávamos querendo fazer era apenas a demarcação tal como tinha sido preconizada já no governo passado. O ministro Márcio Thomaz Bastos trabalhou, ouviu quem deveria ouvir, foi lá dezenas de vezes, fez uma demarcação, estabeleceu-se um conflito, e é só você ver a publicidade feita pelos adversários lá, que você vai perceber que está estabelecida uma guerra com o governo federal. E por que eu iria lá para aumentar esse conflito?

**Jornalista:** O senhor não acredita que pode ter um papel de mediador nesse (inaudível)?

**Presidente:** Nós temos tentado mediar daqui. Tudo que fizemos até agora foi acordado na minha mesa. Tudo. Acontece que você faz um acordo aqui e as coisas não acontecem lá. Então, agora, eu não quero mais discutir esse assunto porque está na Suprema Corte. Aí, a Suprema Corte decide o que vai fazer. Mas eu só posso lhe garantir o seguinte: o Márcio Thomaz Bastos trabalhou nisso com carinho, nós tivemos deputados e senadores que foram lá,



construiu-se uma proposta que era razoável, estabeleceu-se um acordo para distribuir as terras que estão nas mãos do Incra para o estado de Roraima. Acabei de fazer uma medida provisória para fazer a distribuição das terras lá, para que a gente não fique com o estado praticamente travado. Tudo isso foi feito. Ainda assim continua uma guerra. É só você ver a quantidade de *outdoors* que foi feita naquela cidade contra o governo federal, enquanto a gente queria tentar encontrar uma solução para o bem de Roraima. Ora, não fui eu que levei os índios para lá. Eles estavam lá antes de chegar o governador, antes de eu ser presidente da República e, eu diria, antes de o Brasil ser descoberto. O que nós estamos fazendo é dando para eles aquilo que entendemos que é de direito deles. O governador entrou com recurso, a Suprema Corte recebeu o recurso e vai tomar a decisão. Qualquer que seja a decisão da Suprema Corte, para mim está resolvido o problema.

**Jornalista:** Como o senhor recebeu aquela fala do comandante militar da Amazônia, general Augusto Heleno, a respeito desse assunto? Como é que o senhor viu aquela fala?

**Presidente:** Ele disse publicamente o que falou em caráter pessoal. À medida que o governo mostrou sua insatisfação, ele disse que não ia falar mais. Para mim, está resolvido o problema. Acho normal que um militar que está na área tenha uma visão que necessariamente não precisa ser a minha. Mas à medida que o governo tem uma decisão, aquela é a decisão do País. Agora, quando vai para a Suprema Corte, o governo também se subordina à decisão da Suprema Corte. Portanto, estamos aguardando qual será a definição da Suprema Corte.

**Jornalista:** Presidente, voltando um pouquinho à questão política. O senhor aceitaria prorrogar o mandato por um ano para viabilizar o fim da reeleição e o



mandato presidencial de cinco anos?

**Presidente:** Não. Eu acho que não existe nenhuma possibilidade. O que eu acho é que o Congresso Nacional e os partidos políticos deveriam priorizar a reforma política. Dentro da reforma política, eles poderiam aumentar o mandato do presidente da República em um ano e acabar com a reeleição a partir de 2014, a partir de ... Sei lá, escolha uma data e coloca, faz uma coisa de longo prazo. O dado concreto é que a reforma política se faz extremamente necessária e eu não sei por que os partidos políticos não querem fazê-la. Às vezes, sou cobrado e fico pensando se é o presidente da República que tem que fazer uma proposta de reforma política. Não é o presidente da República.

**Jornalista:** Mas o senhor está disposto a fazer uma proposta?

**Presidente:** Eu não estou disposto a fazer, porque eu não quero fazer. Acho que não é papel do Executivo fazer a proposta de reforma política. Aliás, nós tentamos fazer. Tem uma proposta enviada pelo companheiro Márcio Thomaz Bastos ao Congresso Nacional que foi para uma comissão, foi discutida e parou. A impressão que eu tenho é que os partidos políticos não querem fazer. Uma coisa que eu acho extremamente importante: se você perguntar para mim qual é a reforma mais importante a ser feita no Brasil, eu direi a reforma política. E tenho provocado os partidos, tenho provocado o PT, tenho provocado o PCdoB, o PSB, o PMDB. Discutam uma reforma política, coloquem uma proposta, não façam nada para a próxima eleição, não precisam fazer para a próxima eleição. Façam para 2014, para 2018, para quando quiserem, mas façam a reforma política. Vamos dar mais estabilidade institucional ao País, vamos valorizar os partidos políticos.

**Jornalista:** O senhor acha que não faz por quê, Presidente?



**Presidente:** Porque é sempre muito difícil as pessoas que estão exercendo um cargo quererem mudar as regras do jogo.

**Jornalista:** Então, não seria o papel do governo puxar esse debate?

**Presidente:** É muito difícil ser o governo. Se o governo puxa uma proposta de reforma política e os partidos não querem, o governo já sai derrotado no berço. Eu tenho provocado essa discussão. Tenho proposto para eles eu montar a minha equipe. Já pensei até em convocar os ex-presidentes da República para que eles fizessem a proposta política. A impressão que eu tenho é que as pessoas não querem. É uma coisa bonita de falar, fácil de falar, mas na hora de executar, ninguém quer. Eu tenho várias coisas que discordo e lamento que não aconteçam. Se você pensar bem, o Instituto da Cidadania produziu um livro, que até foi lançado no Salão Negro da Câmara dos Deputados, sobre a reforma política.

**Jornalista:** Um livro grande de capa verde. Eu recebi esse livro.

**Presidente:** Nós lançamos esse programa com a coordenação do companheiro Chico de Oliveira. As pessoas parecem que não têm interesse. As pessoas acham que as eleições devem ser do jeito que estão. Eu acho ruim. Era importante a gente valorizar os partidos políticos, dar a eles mais densidade.

**Jornalista:** Ou quando tem interesse, propõe o terceiro mandato, não é, Presidente? Mesmo de forma ainda informal?

**Presidente:** O terceiro mandato não está ligado à reforma política. Propor o



terceiro mandato é tão pernicioso quanto foi quando propuseram o segundo. Você não pode mudar as regras do jogo.

**Jornalista:** Mas essa sua frase é perigosa, Presidente, porque o segundo mandato aconteceu.

**Presidente:** Aconteceu. Na minha opinião, não foi nenhuma sumidade para o Brasil porque a gente poderia ter mantido o mandato de cinco anos sem reeleição. Por que aconteceu o segundo? Por causa da vaidade de quem está no poder.

**Jornalista:** O senhor não tem essa vaidade?

**Presidente:** Eu acho que é impensável, se você quiser consolidar a democracia no Brasil, pensar em terceiro mandato. Porque hoje você pensa em terceiro mandato, amanhã, pensa em quarto mandato, daqui a pouco está pensando em quinto mandato. Eu acho que isso é uma coisa obscena para a sustentabilidade da democracia no Brasil.

Portanto, eu acho que as pessoas que discutem terceiro mandato é porque não devem ter coisa mais séria para discutir. E, depois, a gente também não pode dar crédito a tudo o que a oposição fala. Essa mesma oposição que está com medo do terceiro mandato é a oposição que achava que meu mandato tinha acabado em 2005.

**Jornalista:** Presidente, por falar em oposição, tem, no momento, instalada lá no Congresso Nacional, uma CPI mista dos chamados cartões corporativos. E uma questão que eu queria lhe perguntar é a seguinte: a Polícia Federal está investigando uma possível manipulação irregular de informações sigilosas das contas do presidente Fernando Henrique Cardoso e o vazamento que houve,



porque esses dados acabaram divulgados pela imprensa. Como o senhor vê? O senhor acha que esses dados, aqui no Palácio, eles estão seguros, ou eles estão sujeitos a... ou eles estão inseguros? Eles estão sujeitos a qualquer pessoa chegar lá, olhar, vazar? Não parece que teve um certo descontrole? O senhor falou tanto da capacidade gerencial da ministra Dilma, não houve um descontrole específico, nesse assunto?

**Presidente:** A prova de que eles não estão seguros é que eles vazaram. Mas, vejam, vocês pegam o caso do Fernando Henrique Cardoso, por que não pegam o meu caso? Por que vocês não pegam o caso de que todo vazamento que houve dos cartões corporativos é por causa da divulgação do que está na Controladoria-Geral da União, no Portal da Transparência?

**Jornalista:** Mas ali não foi vazamento.

**Presidente:** Mas estou falando. Mas está tudo lá. Não está descoberto. Qualquer cidadão brasileiro pode entrar no portal e pegar as informações. Obviamente que, se eu tirasse a minha camisa aqui e chamasse um de vocês escondido e falasse: “Essa camisa aqui eu achei no túmulo do Guevara”, a manchete do jornal seria: “Lula entrega ao Correio Braziliense a camisa com que foi enterrado o Guevara”. Até alguém provar que era mentira.

Agora, achar que este governo iria fazer um dossiê contra a dona Ruth e contra o Fernando Henrique Cardoso é não ter dimensão de que, se eu quisesse fazer dossiê, teria feito em 2005, quando fui triturado por adversários que vocês conhecem. E que certamente, se investigados, teriam muitas coisas (inaudível). Eu não fiz porque já fui vítima disso a vida inteira, (inaudível).

O que estamos fazendo, concretamente, e vamos terminar até 2007 e, depois, vamos continuar o meu até 2010, é um banco de dados, para que as pessoas tenham as informações adequadas. E quando eu deixar a Presidência



da República não existirá mais nada meu que não possa ser divulgado. Esse banco de dados é necessário fazer, de todos os ministros, do presidente da República e de todo mundo.

Agora, se alguém consegue pegar um documento e vender como dossiê, ou entrega para um senador ou para um deputado, eu não posso fazer outra coisa senão apurar, para saber o que aconteceu de verdade. Nós vamos continuar a fazer banco de dados até o dia 31 de dezembro de 2010. Tudo será colocado num banco de dados para que quem quiser saber, amanhã, possa saber.

Então eu acho, viu, (inaudível), eu, às vezes, fico triste porque muitas vezes vejo o debate nacional se dar em cima de coisas menores, e não, às vezes, em cima das coisas importantes que a gente deveria discutir. Eu posso ter todos os defeitos que um ser humano tem, mas se tem uma coisa que eu aprendi na minha vida é ter uma relação política leal. Tratar os adversários com lealdade, tratar os amigos com lealdade, não contemporar. Porque eu acho que é assim a política.

Eu vivi esse preconceito, essa perseguição, no movimento sindical, a vida inteira. Minha vida foi “futucada” nos bancos quando sofri intervenção, e eu nunca mostrei um minuto de raiva ou de vingança de alguém. Estão aí os meus adversários. Se eu fosse fazer um dossiê não seria da dona Ruth, posso te garantir.

**Jornalista:** E se a Polícia Federal, Presidente, chegar à conclusão de que houve manipulação indevida, de acordo com as normas, os decretos e as normas de manipulação de dados sigilosos, que providência o senhor vai tomar?

**Presidente:** Se ela provar que alguém manipulou equivocadamente, esse alguém terá que ser punido. Essa é a prática. Alguém não cumpriu, dado aquilo



que foi a ordem que recebeu, ou alguém... essa pessoa será tratada como um funcionário público será tratado, como no jornal um jornalista será tratado, se fizer alguma coisa que deponha contra a lógica, a ética do jornal. Será assim no governo. A única coisa com que fico triste é alguém tentar passar a idéia de que o governo ia fazer um dossiê contra a dona Ruth. Realmente, não me cabe na cabeça.

**Jornalista:** Presidente, o senhor concorda com o ministro da Justiça, Tarso Genro, de que o governo tem o direito de recolher informações de gestões anteriores para se defender, para reagir a uma crise política?

**Presidente:** Mas essas informações estão aí. Se eu quiser pegar o que fez um prefeito há 15 anos, é só ir ao Ministério do Planejamento, está lá o processo. Da mesma forma, veja, o que o Tarso disse não é que é certo, o que o Tarso disse é que não é um delito. Certamente, o Correio Braziliense tem informações cotidianas dos seus concorrentes. Ou não tem? Ou a Rede Globo não tem do SBT e o SBT da Rede Globo? Ou a Pirelli não tem da Michelin? Ou a Volkswagen não tem da Fiat?

Agora, imaginar que você vai utilizar isso para fazer alguma coisa... Os dados estão aí, no Ministério do Planejamento, os dados estão na Controladoria-Geral da República, os dados estão no Siaf, essas coisas estão aí. Agora, quando nós instituímos a CPI... E é importante que isso não se perca de vista, porque de vez em quando a gente perde o momento histórico.

Nós fizemos o primeiro comício das Diretas em novembro de 94, e quem levou a fama... Não, de 84... De 83, no Pacaembu, quando o Fernando Henrique Cardoso foi lá anunciar a morte do Teotônio Vilela, e para a opinião pública brasileira o único ato que houve foi o de 25 de janeiro de 1984. Mas o primeiro ato, com a presença até do Fernando Henrique Cardoso... O Montoro não foi, porque estava no jockey, foi nosso.



Então, o que eu não quero é que se perca de vista que nós pedimos uma CPI e, como nós pedimos uma CPI para 10 anos atrás, nós temos que ter o banco de dados para oferecer para a CPI.

**Jornalista:** Esse debate é hipócrita, Presidente, sobre gastos, sobre...?

**Presidente:** Eu não diria que é hipócrita, eu diria que é pequeno. Eu fui dirigente sindical. Eu fui presidente do sindicato quando acabei com nota fiscal no sindicato, porque eu via a briga mesquinha do conselho fiscal para saber se o cara parou no posto e estava lá: Posto Motel não sei das quantas. Em São Paulo, se você pegar a Via Anhangüera, você vai ver dois ou três restaurantes que são restaurante e motel junto. Aí o cara parou para almoçar, até você provar que foi só almoço, dava uma guerra. Então, resolvi instituir a diária. Fiz uma média nacional, o seguinte: o Arlon vai viajar? Vai. Está aqui, a diária é 500 reais, é 500 reais, se você quiser dormir na sarjeta, você durma, faça o que você quiser. Não precisa me prestar contas, só assina o recibo de que recebeu a diária.

No governo, eu confesso a vocês que neste país há uma certa hipocrisia. Um ministro de Estado, se receber um ministro de Estado da França, se for lá, a gente come do bom e do melhor e não põe a mão no bolso, eles pagam. Aqui no Brasil, um ministro não pode pagar um café para um convidado. É uma coisa vergonhosa. Imagina o ministro da Justiça do Brasil ir jantar com o ministro da Justiça da Colômbia e chegar, na hora de pedir a conta, falar o seguinte: vamos rachar. É uma hipocrisia.

Então, eu vou esperar a CPI terminar, e eu vou instituir – essa é a minha vontade, espero que a CPI proponha isso – uma diária. Resolve esse problema. Você, ou põe diária, ou põe verba de representação, faz qualquer coisa, como tem... Eu, por exemplo, quando estava no Instituto de Cidadania, me ligava um jornal, uma revista: “Lula, vamos ter uma conversa?” “Vamos”



“Onde?” “Vamos lá no (inaudível), lá na Nazaré”. Quem é que pagava? Era o jornal. Quem que pagava? Era o jornalista. Obviamente que não era do bolso do jornalista, ele tinha uma verba de representação. Ele pagava.

Então eu acho, companheiros, que tem uma certa hipocrisia no ar. Então, é melhor a gente resolver isso, estabelecendo regras que todo mundo estabelece no mundo, que empresas sérias estabelecem, que jornais estabelecem. Ou seja, você dá uma diária para o cidadão, estabelece, ela é pública. Se o cidadão pegar essa diária e chegar lá e quiser ir dormir em um “meia estrela” para economizar, é problema dele. Se ele vai pegar alguma coisa, é problema dele. Mas pelo menos você fica tranquilo e não fica vulnerável a ver manchete de jornal: “Porque o cidadão gastou 18 reais com tapioca, porque o cidadão...”

Eu me lembro de uma manchete que foi hilariante: “Porque o governo contratou 10 bailarinas, ou comprou 20 bailarinas”. O que era bailarina, gente? Era um vasinho de flor com aquela... Eu prefiro correr o risco de fazer a coisa séria. Então, a partir da CPI, vamos ver o resultado da CPI, eu pretendo estabelecer diária, que fique público quanto é que tem um ministro da Suprema Corte, quanto é que tem o Tribunal de Contas da União, quanto é que tem o Ministério Público, quanto é que tem o Congresso Nacional. Faz uma média do preço nacional, dá uma diária e deixa o ministro se virar.

**Jornalista:** Presidente, os gastos de ex-presidentes, o senhor acha que têm que ser mantidos em sigilo?

**Presidente:** Não é todo gasto que é mantido em sigilo, é aquilo que o Gabinete de Segurança Institucional entende que é de segurança da instituição Presidência da República. Só vale para quando você for presidente. Quando eu deixar a Presidência, no dia 1º de janeiro de 2011, os meus dados são dados públicos. Não tem mais segurança, não tem mais que alugar carro em meu



nome. Então não tem importância as pessoas saberem em que açougue que vou comprar carne. Isso só vale enquanto você é o presidente da República.

Veja, eu conheço presidente da República que não toma água que a gente oferece, que tem que carregar a sua água. Conheço presidente da República que não toma café que a gente oferece, conheço presidente da República que não come a mesma comida que a gente come. Cada presidente estabelece o seu... Até coisa que me dão no palanque eu como. Se tiver alguma desgraça, eu sei que vou me ferrar. A segurança quando vê toma da minha mão mas, de preferência, eu tento pegar sem eles verem. Eu ganho muito doce, muita coisinha de leite, muita... se não tiver problema...

**Jornalista:** Por isso que é tem fazer ginástica todo dia.

**Presidente:** Mas eu acho, companheiros, que o ideal para mim, quando terminar o meu mandato é ter a clareza de que o Brasil mudou de patamar. Obviamente que eu não carrego a ilusão de que a gente vai transformar o Brasil na grande nação com que todos nós sonhamos em oito anos, em 10 ou em 15 anos. É um processo. É um processo que tem que ter continuidade, ele não pode parar. Daí a necessidade do próximo governante ter uma concepção seqüencial, de dar cumprimento às coisas que estamos fazendo. Por que tudo isso de escola o que nós estamos fazendo, tudo isso de escola, que todas nós pretendemos inaugurar em 2010... Tudo o que estamos fazendo de universidade, de escola técnica, tudo o que estamos fazendo de investimento, com o PDE e com o Fundeb, tudo o que estamos fazendo de políticas públicas precisa ser consolidado. Para quê? Para a gente mudar um pouco de patamar.

Quando nós lançamos o Programa Território da Cidadania é porque o Território da Cidadania é uma combinação que pode resolver parte dos problemas das pessoas que hoje recebem o Bolsa Família, que é um conjunto de políticas públicas levadas por 19 Ministérios, que chegarão juntos em quase



dois mil municípios no País, até 2010.

A gente quer ver se consegue transformar parte dessas pessoas que hoje recebem o Bolsa Família em pequenos empreendedores, seja agrícola, seja no artesanato, seja no pequeno comércio.

Esses dias, eu recebi uma carta do prefeito de uma cidade chamada Buíque. Você está lembrado que foi a primeira cidade que eu visitei em Pernambuco, depois de eleito. Nós fomos lançar um programa de compra de feijão lá, de compra de alimentos da agricultura familiar. Depois houve uma reclamação que o pessoal ia receber a aposentadoria em Floresta, porque era preciso ter uma agência lá em Buíque. Aí, também, nós começamos a pagar os aposentados em Buíque, eu não sei se pela loteria, começamos a pagar lá.

Esses dias, recebo uma carta do prefeito dizendo o seguinte: “Presidente Lula, a história de Buíque pode ser medida em dois momentos: antes do senhor e depois do senhor. Por quê? As medidas que o senhor veio anunciar aqui, só o fato de os aposentados receberem a aposentadoria aqui, e os programas sociais, já abriram 340 pequenos negócios na cidade de Buíque”.

Ou seja, esse é o milagre que poderia se chamar multiplicação dos pães, ou seja, você criar condições de o dinheiro circular dentro da cidade, de as pessoas receberem as coisas ali, na cidade, e não terem que receber... Porque se ele for receber em Floresta ele vai gastar em Floresta, se ele for receber em Garanhuns ele vai gastar em Garanhuns, se ele for receber em Recife ele vai gastar em Recife. Então, é bom que o dinheiro circule na comunidade. Porque o dinheiro faz gerar mais dinheiro.

Eu trabalho com essa hipótese, de que a gente deixa o Brasil bem preparado para quem vier depois de nós.

**Jornalista:** Presidente, essa questão de deixar o Brasil. Aí voltando a uma discussão em tese, que muitos dizem, inclusive ouvi isso do senhor... Porque se a gente olhar bem essas discussões, até mesmo na questão dos cartões, se



you see all the discussions in Congress, that do not advance, like the political reform, well, in a certain way, it has an embryonic reason in the dispute between the two powerful nuclei in São Paulo, which are the PT and the PSDB. Do you think that after 16 years, it is time to turn a little of this axis of power? In the end, do you think that this would facilitate a political reform, if it facilitated a dialogue and, then, it would avoid more political disputes between the Executive and the Legislative, in Brazil for the future, looking ahead?

**Presidente:** I think that we are learning to do politics also with more speed. In theory, it is much easier, in practice it is much more difficult. I always thought that PT and PSDB could have many convergences and that things would not be radicalized in the way they became radicalized. I always thought so.

When the PSDB won the elections, there was an attempt of rapprochement with the left, there was even someone who said that Fernando Henrique Cardoso had co-opted José Genoíno, co-opted other people from the left, that did not happen. Only for you to have an idea, I was called to talk with Fernando Henrique Cardoso in 1998, after the elections. There was no dialogue. And now there is not, because the PSDB has become our main adversary.

It is important to remember that between 94 and 98, the PT worked, in two elections, the PT fought with Mário Covas and then the PT had the responsibility of contributing to the election of Mário Covas. Then, there is a wide spectrum of conversations within the PSDB and within the PT. It radicalized a lot in the last three years with some people, not with all. For example, my coexistence with the governors of the PSDB is the best possible, whether with Serra, whether with Aécio, with Cássio Cunha Lima, with Yeda, with Théo Vilela, it is the best possible. Where is the problem? In the Senate.



**Jornalista:** Mas, Presidente, pelo menos no Senado, agora eles estão mais propositivos. Ele votaram a regulamentação da emenda da saúde, do fator previdenciário.

**Jornalista:** É isso que eu queria lhe perguntar: a regulamentação da Emenda 29. Por que o governo, em vez de simplesmente mandar derrubar na Câmara, não negocia essa regulamentação, que é até uma bandeira histórica do senhor?

**Presidente:** O governo não vai mover um dedo. Se eles quiserem negociar, que negociem, que façam. O dado concreto é o seguinte: é que não pode a mesma Casa que derrotou a CPMF aprovar a Emenda 29. É um contra-senso. Para que fazem isso, para me colocar em xeque? Se eu vou vetar? Não tenham dúvida. Não tenham dúvida que eu não vacilarei um milímetro de fazer a coisa correta que tem de ser feita em nome deste país. A não ser que eu fosse um total irresponsável e deixasse passar. Aí, quando o outro tomar posse em 2011, o País está quebrado. Eu não vou fazer isso.

**Jornalista:** Isso vale para o fator previdenciário também?

**Presidente:** Isso vale para tudo que for aprovado e não tenha afinidade com o potencial de pagamento do País. Se é possível negociar, eu acho que se tiver margem de negociação, acho que os deputados precisam negociar com os dirigentes sindicais, é sempre possível. Agora, o dado concreto, objetivo, é que você não pode brincar de aprovar coisas que você sabe que não tem como pagar. Como é que eu posso chegar em casa e prometer para o meu filho uma coisa que eu não posso dar? Fazer proselitismo em época de campanha? É realmente triste isso.



**Jornalista:** Presidente, deixa eu tirar uma última do senhor, é super rápido. Se o senhor tem assistido, e que análise o senhor faz do noticiário da TV Brasil?

**Presidente:** Eu não tenho conseguido ver televisão, meu filho. Quando eu chego em casa, às 11h da noite, eu mal e porcamente tomo meu banho, tomo uma sopa e vou dormir. Agora, mesmo sem ver, vou dizer uma coisa: nós vamos construir uma grande TV pública neste país. Acho que é necessário, acho que é importante. Não queremos fazer competição de publicidade com a imprensa privada, mas queremos fazer competição na qualidade da informação, na qualidade da programação. Fico muito feliz que o Congresso tenha aprovado. Alguns diziam: “Mas isso é a TV do Lula”. Mas seria insano eu fazer uma coisa quando estou saindo do governo. Estou fazendo porque acho que o País precisa disso, porque a gente pode fazer melhor do que a melhor que nós temos hoje no Brasil, que é a TV Cultura. Pode fazer melhor. E passar as informações corretas, com jornalistas sérios, sempre mostrando a moeda com as suas duas faces, e nunca só uma face. Eu acho que é isso que nós queremos. Uma programação cultural condizente com a heterogeneidade da cultura brasileira, dar oportunidade para as pessoas, eu sei que também não é fácil. Para você lançar um canal de televisão e fazê-lo ser assistido, leva um tempo. Tem gente já com 30 anos e não conseguiu. Você tem que ter boas grades. Eu acho que nós vamos conseguir. Montamos um conselho mais plural do que qualquer coisa, até mais plural do que o conselho do...

**Jornalista:** Mais plural, pode até ser, mais complicado eu acho que não é não. Falando em Conselho dos Associados, o senhor ainda tem aquela imagem de que a imprensa, aquela imagem velha do Ricardo Kotscho, que a imprensa burguesa ainda persegue o seu governo, Presidente?



**Presidente:** Eu preferia perguntar para você.

**Jornalista:** Eu acho que não.

**Presidente:** Deixa eu te contar uma coisa, meu filho. Eu acho o seguinte: houve um momento em que a imprensa brasileira criou a idéia do consenso único, favorável à primeira etapa do Plano Real. Foi um momento difícil em que você não tinha espaço para fazer oposição neste país. Era 100% pensamento único. Eu confesso a você que no meu governo teve 100% de pensamento contra.

**Jornalista:** Mas é passado?

**Presidente:** Deixa eu te contar: eu aprendi a não ficar com raiva da imprensa porque eu acredito na capacidade de discernimento do leitor, do ouvinte e do telespectador. A prova disso é a minha reeleição. Quando um cidadão é 100% contra, o leitor percebe. Quando ele é 100% a favor, o leitor também percebe. E tanto 100% contra como 100% a favor não têm credibilidade junto ao leitor. O cara começa a perceber: “mas esse Franklin escreve todo dia, todo dia contra, será que não tem nada favorável?” Ele passa a perder a credibilidade. Ao passo que se ele for um homem justo, falar mal de tudo que tem que falar mal e reconhecer tudo que é bem feito, ele passa a ter credibilidade. É esse o papel que eu acho que tem que ter a imprensa brasileira, o de informar corretamente a opinião pública. Acho que houve um tempo em que era 100% contra. E como na minha vida eu nunca tive muito afago, eu aprendi a conviver. E o povo está ficando inteligente. Aquela idéia de que alguém é formador de opinião pública, isso vai por terra se a pessoa não for verdadeira. Se o cara for verdadeiro, ele tem credibilidade, a pessoa percebe. A pessoa percebe no olho, a pessoa percebe no jeito de falar, no jeito de escrever. Quando a pessoa é séria, o dia



que a pessoa der uma porrada, todo mundo percebe. O filho da mãe errou, o governo errou, então o cara está certo em bater.

**Jornalista:** Presidente, muito obrigado.

**Presidente:** Foi um prazer, queridos.

(\$31DHJLP)